



Jesus, o Filho do Homem

Paulo Sérgio Araújo Gouveia¹

Resumo

Este artigo aborda a temática do título “Filho do Homem”, expressão usada por Jesus para se referir a si mesmo. Este título se encontra no livro de Daniel e, na literatura extrabíblica, nos livros: 4Esdras e 1Henoc com uma configuração apocalíptica. Jesus, ao se autodenominar Filho do Homem, assume as ideias apocalípticas de seu tempo. O objetivo desta pesquisa é compreender o significado de “Filho do Homem” nos pronunciamentos de Jesus. A metodologia utilizada foi a análise bibliográfica sobre o tema. A conclusão foi que Jesus ao usar o título “Filho do Homem” o ressignifica dentro da compreensão de sua missão.

Palavras-chaves: Cristologia. Messianismo. Movimento apocalíptico.

1 Introdução

No período histórico em que Jesus viveu, o século I, a Palestina, dominada pelo Império Romano, estava eivada do pensamento de libertação. O povo judeu, dominado por impérios desde o Exílio da Babilônia, colocava toda a sua esperança na luta armada, mas também em uma intervenção direta de Deus que haveria de destruir os inimigos opressores e libertar o povo de sua opressão. Isso ficou conhecido como Movimento Apocalíptico.

O movimento apocalíptico estava inserido na religiosidade popular difundida entre as classes inferiores. O Movimento de Jesus, de cunho popular, bebeu das expectativas apocalípticas. Neste movimento apocalíptico havia a crença da intervenção na história judaica de uma figura chamada “Filho do Homem”, que teria recebido do próprio Deus a missão de libertar o seu povo. Nos Evangelhos encontramos Jesus se designando como o Filho do Homem. Neste texto estuda-se esse título no Movimento Apocalíptico e busca-se a compreensão de Jesus sobre ele.

¹ e Mestrando no Programa de Pós- Graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e Professor no Seminário São João Maria Vianney. *E-mail:* araujogouveiap@gmail.com

2 A origem da expressão “Filho do Homem” e sua dimensão apocalíptica

No Novo Testamento há uma grande variedade de títulos concedidos a Jesus: Filho de Deus, Messias, Rabi ou Mestre, Salvador, Sumo Sacerdote e outros, mas Jesus nunca se identificou com nenhum deles, a não ser com o título de Filho do Homem. “Nos evangelhos sinóticos encontramos cerca de 70 vezes a locução singular o Filho do homem e sempre em declarações do próprio Jesus” (Goppelt, 2003, p. 194). Isso significa que o título foi assumido por Jesus e parece que para ele servia para esclarecer sua missão melhor que a ideia de Messias.

Nem sempre esse título foi considerado proveniente do próprio Jesus, houve toda uma discussão se essas palavras, como muitas outras, derivavam de Jesus. Diante dos limites desta pesquisa não se entra nessa discussão. Assume-se as conclusões de Joachim Jeremias (2008, p. 971) que afirma: “O título “Filho do Homem” é a única designação que Jesus aplicou a si mesmo e cuja autenticidade pode ser seriamente cogitada”. Também se considera a exposição de J. Ratzinger, que ao “tratar o título ‘Filho do Homem’, afirma que esta expressão é característica das palavras do próprio Jesus[...]” (Ratzinger apud Alonso, 2021, p. 229).

Outro que defende a autenticidade do título Filho do Homem como palavra proferida por Jesus é Oscar Cullmann (2008, p. 181) que afirma “Um primeiro fato basta, de per si para demonstrar a importância deste título messiânico, a saber: este é o único que, segundos Evangelhos Sinóticos, Jesus aplicou a si mesmo, enquanto jamais designou a si próprio como “Messias”.

“Sem dúvida está designação “Filho do homem’ não foi usada pela igreja helenista na sua cristologia; não a encontramos em todas as cartas do Novo Testamento. Para o homem de fala grega era incompreensível; ...” (Goppelt, 2003, p. 195). Isso significa que o título “Filho do Homem” não vem das igrejas helenizadas, mas nasce na Palestina e pode remontar ao Jesus terreno.

Quando os Evangelhos citam o título “Filho do Homem” eles não oferecem nenhuma explicação, isso indica que ele já era conhecido pelos seus ouvintes. Esse termo deriva da apocalíptica judaica e se encontra primeiro no livro de Daniel, escrito por volta do ano 167-164 a.C. O livro de Daniel se caracteriza por ser uma

literatura apocalíptica. Literatura esta que por sua vez se caracteriza pela presença de um profeta ao qual é entregue uma revelação (apocalipse) a respeito do juízo de Deus sobre a história (Is 24-27, Zc 13-14, Dn 2,4,5).

A literatura apocalíptica, ou melhor o Movimento Apocalíptico, surgiu depois que o povo judeu foi libertado do Exílio da Babilônia, no século V, como uma forma de resistência. “Os apocalipses interpretam a história humana; pode-se falar, com razão, de uma “teologia da história”” (Schillebeeckx, 2008, p. 114). Através de uma linguagem cheia de símbolos, os apocalipses leem a história com o intuito de compreender a ação de Deus nas dificuldades do presente. É uma literatura de resistência porque procura fortalecer a fé do povo incutindo-lhe esperança na vitória de Deus sobre o poder do mal.

Depois do exílio o povo judeu ganhou a independência religiosa, mas não a independência política e econômica. De início ficou sobre o domínio da Pérsia que foi conquistada por Alexandre Magno e depois pelos Selêucidas ou os Ptolomeus. Se no período persa os judeus gozavam de uma relativa tolerância religiosa com o domínio dos Selêucidas o panorama mudou. Antioco IV Epífanes tentou impor a cultura helênica aos judeus e no meio deles um grupo se revoltou ocasionando a chamada guerra dos Macabeus. Esse período se tornou um momento favorável para as ideias apocalípticas. “Todos os agrupamentos judaicos de fariseus, saduceus, essênios e zelotes estavam até certo ponto familiarizados com ideias apocalípticas, mas nem por isso podiam ser chamados de apocalípticos” (Schillebeeckx, 2008, p. 112). Com isso fica claro que o Movimento apocalíptico não era um movimento das elites que procuravam tirar proveito da dominação estrangeira, era um movimento mais popular dos espoliados pelos estrangeiros e pelas elites locais.

No livro de Daniel, o termo “Filho do Homem” se encontra na descrição de uma visão. Daniel, em uma visão noturna, contempla a aparição de quatro feras enormes saindo do mar, que significam quatro impérios. Continuando a sua visão, o profeta contempla um Ancião sentado em um trono com o poder de julgar. Logo depois, Daniel relata a visão de um homem, este é o Filho do Homem:

Eu continuava observando em minhas visões noturnas, e eis que, com nuvens, vinha um como filho de homem e foi até o Ancião de dias e para diante dele foi conduzido. Foi-lhe dado poder, glória e reino, e todos os povos, nações e línguas o serviam. Seu poder é um

poder eterno, que não passará, e seu reino não será destruído (Dn 7, 13-14).

Ali se esclarece que o Filho do Homem representa “os santos do Altíssimo que receberão e possuirão o reino para sempre, eternamente” (Dn 7,15). Em Daniel o Filho do Homem é identificado com o povo de Deus, sendo de início uma figura corporativa, mais tarde esta figura será individualizada adquirindo traços messiânicos. “Este (homem) será o apoio dos oprimidos e dos santos, a luz dos povos, a esperança dos atribulados (EnEt 48, 4)” (Jeremias, 2008, p. 387).

Também na literatura extrabíblica, como no 4º Livro de Esdras, do século I a.c, o Filho do Homem surge das ondas do mar e se eleva sobre as nuvens como um salvador com traços individualizados. Do mesmo modo, no livro etíope de Enoque, o Filho do Homem passa de uma personificação coletiva do povo de Israel, para uma personalidade individual. No livro de Enoque, o Filho do Homem que está no começo da criação foi criado antes de todas as coisas, portador de uma doutrina secreta e estará presente nos acontecimentos dos últimos tempos. “Porém na seção das parábolas de Henoc etíope (cap 37-71), o filho do homem é colocado perante o povo de Deus, e descrito como pessoa: é o juiz escatológico” (Schillebeeckx, 2008, p.115). Percebe-se que em Daniel, Henoc e 4Esdras a ideia de “Filho do Homem” tem uma dimensão apocalíptica e escatológica.

Essa dimensão apocalíptica escatológica da expressão “Filho do Homem” vai se impondo para explicar a ideia contida nessa expressão. Segundo Cullmann, esse homem celestial aparece na literatura bíblica e extrabíblica primeiro sob a forma de um ser celestial que no atual momento da história está oculto, mas se manifestará nos últimos tempos para julgar o povo santo de Deus, e, segundo, sob a forma de um homem celestial esta figura se identificará com o primeiro homem desde o início dos tempos. Filon de Alexandria será um dos precursores desta concepção. A primeira dessas formas está ligada ao pensamento judaico e a segunda ao pensamento mais helenístico (Cullmann, 2008, p. 198-199).

Percebe-se nessas descrições, tanto extrabíblica como no livro de Daniel, que o Filho do Homem é um personagem celestial. Não é um anjo, é um homem, mas que se apresenta em um outro mundo, geralmente uma figura que estava na criação primordial, ocupante de um trono e sendo glorificado pelo Ancião, ele goza

de privilégios divinos. Recebe uma missão de trazer a justiça e a paz para este mundo. Senta-se no trono de Deus, goza de sua glória, porém a sua missão está no mundo, como revelador, garantidor da justiça e da paz, que faz a justiça, “vem para defender o povo escolhido do Deus da paz até que triunfem definitivamente no final dos tempos. Pertence ‘portanto ao mundo de Deus e ao mundo dos homens” (Alonso, 2021, p. 223).

3 A expressão “Filho do Homem” nos Evangelhos

Estudar o título “Filho do Homem” não se constitui uma tarefa fácil. Se por um lado os estudiosos afirmam que este título foi usado por Jesus para sua auto referencialidade, por outro lado, é um tema que “deixa aberto inúmeros questionamentos acerca do verdadeiro sentido desta expressão e do alcance de suas conclusões no campo bíblico e teológico” (Alonso, 2021, p. 220). Esta expressão é usada por Jesus em diversos momentos do seu ministério com conotações diferentes.

Pesquisando nos textos bíblicos podemos resumir os diversos significados da expressão, seguindo Alonso, em três categorias: Primeiro diversos textos que trazem a expressão Filho do Homem querem enfatizar a pessoa de Jesus em sua dimensão humana, exemplos: (Lc 7, 34; Mt 11, 19). Mas também enfatizam o poder de Jesus, como o poder de perdoar pecados (Mc 2, 10), bem como o seu senhorio sobre o sábado (Mc 2,28), nestes textos se enfatiza o senhorio de Jesus sobre a doença, o pecado e a Lei. Jesus aqui é visto como um profeta, um filho do homem, que tem poderes sobre as situações humanas e esse poder pertencia a Deus, o que o coloca na esfera divina.

Uma segunda categoria de textos se refere à paixão e quer enfatizar a dimensão do sofrimento, da morte e da ressurreição de Jesus (Mc 8, 31; 9, 31), aqui se enfatiza a rejeição e as dores do Filho do Homem, seu rebaixamento. O Filho do Homem cumprirá a sua missão através da rejeição e dos sofrimentos, lembrando o Servo Sofredor de Isaías, Nesta segunda categoria se enquadra os anúncios da paixão. Isso já é uma releitura neotestamentária que une as duas figuras.

E, por último, em uma terceira categoria, os textos fazem referência à dimensão gloriosa de Jesus. Em Mateus temos a ideia de que o “Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai e retribuirá a cada um de a cordo com o seu modo de agir” (Mt 16, 27), sua segunda vinda como juiz escatológico (Mt 24,30; 25, 31-33). O Filho do Homem que se identifica com os famintos, os sedentos, os doentes, os presos e os peregrinos (Mt 25 31-46) (Alonso, 2021, p. 225-226). A atitude de vigilância é exigida, pois não sabemos quando o Filho do Homem virá, por isso devemos estar sempre preparados (Lc 12,40).

No relato de Mateus 25, conhecido como “juízo final”, há algo de original na concepção que Jesus faz da ideia de Filho do Homem que não se encontra em nenhuma outra tradição. O Filho do Homem se identifica com os doentes, presos, famintos, sedentos, peregrinos. Destaca-se que este Filho do Homem não está mais dentro dos textos que o caracterizam com a ideia de sofrimento ou rejeição. Aqui é o Filho do Homem glorioso, escatológico que não tem embaraço em se identificar com os últimos.

Esta pesquisa, sem deixar de considerar a importância das duas primeiras dimensões, deseja enfatizar o significado de Filho do Homem na dimensão apocalíptica escatológica. Cabe, portanto, perguntar sobre a compreensão de Jesus acerca da expressão Filho do Homem. Sabe-se que Jesus viveu em um momento da história de Israel no qual as ideias apocalípticas e escatológicas estavam bastante disseminadas. O povo, dominado pelo Império Romano, esperava uma libertação vinda da parte de Deus manifestada pelo seu Messias.

Cullmann afirma que, ao usar a expressão “Filho do Homem”, Jesus quis mostrar a sua superioridade em relação a guarda do sábado e sobre a Lei. Pode-se deduzir que, ao se denominar Filho do Homem, Jesus não estava se referindo ao homem celestial. Para Cullmann as duas citações de Jesus sobre esta expressão (Mt, 12,31 e Mc 3,28) não se referem somente a pessoa de Jesus, mas aos humanos em geral. Porém, nas outras citações nos evangelhos sinóticos, e em João, essa interpretação não seria aceita (Cullmann, 2008, p. 202-203).

Estudando os textos de Daniel, Henoc e 4Esdras ficou claro que o Filho do Homem é um ser celestial, que se senta no trono do Ancião e que com seu poder vem ao mundo para fazer justiça ao povo de Deus que está sendo perseguido.

Porém, ao pesquisar o sentido de Filho do homem nos evangelhos percebe-se que o título tem dupla conotação: designa tanto um ser humano, quanto um ser divino. Ora usado para enfatizar a o sofrimento e a rejeição de Jesus que está ligado a condição humana de Jesus: “[...] Era necessário que o Filho do Homem sofresse muito e fosse rejeitado pelos anciãos e sumos sacerdotes e escribas [...]” (Mc 8, 31) “O Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos homens...” (Mc 9, 31). Ora a ideia de “Filho do homem” está condicionada pela ideia que se encontra em Daniel, Henoc e 4Esdras, como descrito no Evangelho de Mateus um “Filho do Homem” glorioso (Mt 25,31). Daí percebemos que Jesus usa a expressão Filho do Homem, mas ao mesmo tempo lhes dá um significado diferente.

Também podemos constatar que sempre Jesus fala do Filho do Homem em terceira pessoa, (Lc 12,8; Mt 19,28) como se para Jesus o Filho do Homem fosse uma figura salvífica futura. J Jeremias comentando esses textos afirma:

Jesus distingue ao falar do Filho do Homem na terceira pessoa, não duas figuras diversas, mas sim entre o seu presente e o seu *status exaltationis*. A terceira pessoa expressa a “misteriosa relação” que subsiste entre Jesus e o Filho do Homem: ele ainda é o Filho do Homem, mas será exaltado ao ser o Filho do Homem (Jeremias, 2008, p. 394-395).

Outro texto interessante que esclarece a ideia de Jesus sobre o Filho do Homem é o que está em Mateus “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, acompanhado de todos os anjos, então se sentará em seu trono de glória” (Mt 25, 31). Aqui a imagem do Filho do Homem se ajusta com o pensamento dos autores extrabíblicos e de Daniel: um Filho do Homem glorificado, rodeado de anjos e sentado em um trono. A figura é a mesma, porém, algo desconcertante acontece, esse Filho do Homem glorificado, poderoso vai se identificar com os que tem fome, sede, estrangeiro, nus e os encarcerados (Mt 25,34-36), os últimos da sociedade e ainda dirá: “[...] Toda Vez que fizestes isso a um desses meus irmãos menores, a mim o fizestes” (Mt 25,40). O Filho do Homem se deixa representar por essas pessoas em situações de carência.

5 Considerações finais

Ao pesquisar o título “Filho do Homem” o pesquisador depara-se com

diversos modos de apresentação desse personagem nas Escrituras, havendo distinção entre sua aparição no profetismo e nos Evangelhos, desde o Filho do Homem glorioso sentado ao lado do Ancião até o Filho do Homem identificando-se com os últimos da sociedade.

Em Jesus o título é ressignificado e pode-se perceber o que há de comum e o que diferencia o uso do título por Jesus nos Evangelhos e o uso originário no movimento apocalíptico atestado no livro de Daniel. O que há de comum é a luta contra os poderes dos impérios deste mundo. Pois, Jesus também enfrenta o império e é morto por ele. Além disso, o modo de enfrentamento das forças do mal, encarnadas nos impérios difere. Enquanto o Filho do Homem enfrenta com poder estas forças malignas e as destrói libertando os filhos de Deus no movimento apocalíptico, nos Evangelhos, Jesus enfrenta de modo diferente. Jesus enfrenta o poder do mal se identificando com os mais fracos e se deixando matar pelas forças imperiais. O Filho do Homem, em Jesus, é aquele que está presente no faminto, no que tem sede, no peregrino, no doente e no preso e que oferece a sua vida como caminho de libertação do poder do mal.

Referências

A BÍBLIA. São Paulo, SP: Paulinas, 1 set. 2023.

ALONSO, J. J. H. Jesus de Nazaré, suas palavras e as nossas: o que se pode afirmar sobre sua vida e sua mensagem. Petrópolis: Vozes, 2021.

CULLMANN, O. Cristologia do Novo Testamento. 1 ed. São Paulo: Hagnos, 2008.

GOPPELT, L. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003.

JEREMIAS, J. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2008.

SCHILLEBEECKX, E. Jesus: a história de um vivente. 10º ed. São Paulo: Paulus Editora, 2008.